

# CONFERÊNCIA INTERAMERICANA DE AGRICULTURA

(Especial para a "Revista de Agricultura")

PROF. OCTAVIO DOMINGUES

O juízo que, em geral, fazemos de uma Conferência como essa, que se realizou em dezembro próximo passado, em Montividéo — deve ser reformado. Confesso haver ido para lá como se se tratasse de uma figuração, apenas destinada a manter vivo o sentimento panamericanista do continente.

E' muito mais do que isto. Ou melhor não é bem isto. Trata-se de um encontro de personalidades, vivamente animadas de um sentimento e vontade de servir à causa do bom entendimento entre as nações americanas, para o progresso comum e simultâneo, através do progresso de cada uma. Esse sentimento e essa vontade — sente-se, são muito sinceros, pelo sentido, pelo calor e pelo tacto com que se manifestam.

Justamente quando ocorrem as divergências é que a têmpera dessa sinceridade fica à prova. Na unanimidade, não. Mas neste último caso, verifica-se um acolhimento tão espontâneo da medida proposta, que é uma demonstração de haver um lastro comum de anseios movendo os ânimos.

Quando não se faz um juízo desprestigiante dessas reuniões das nações americanas, para estudar os inúmeros e variados problemas comuns da produção, nos três reinos da natureza — o que há é uma ignorância, já não digo do valor ou significativo delas, mas do que é mesmo uma Conferência Interamericana de Agricultura.

No entanto, a de 1950, recém-realizada, já é a quarta, e o Brasil se fez representar em tôdas elas.

Bem verdade é que, péla primeira vez, o nosso país compareceu com uma delegação, e cujo chefe era o próprio Ministro da Agricultura, senador Novais Filho, a cuja orientação se deve o êxito que alí teve o Brasil. E mais quatro outros Ministros lá estavam: o dos Estados Unidos, do Uruguai, da Argentina e do Paraguai, todos vivamente empenhados para que, daquele memorável conclave, rumos de realizações se definissem, para o progresso na produção do solo, nas Américas.

Pena é que, nessas coisas, o Brasil se entregue sempre às improvisações. E assim, por motivos já conhecidos e repetidos, organizou-se uma delegação de técnicos oito dias antes de se inaugurar a Conferência. Êsses técnicos, escolhidos segundo o critério da especialidade: Glycon de Paiva, Barcelos Fagundes, Dias Martins, Blanc de Freitas e o autor destas linhas — mal tiveram tempo para preparar um Relatório que, devido ao atraso, foi publicado pela Secretaria da IV Conferência, com sensíveis mutilações ao ser resumido em língua castelhana.

Outro prejuízo foi o nosso país não ter apresentado nenhum trabalho, por motivo dessa improvisação a que me refiro. E quantos poderíamos bem ter levado à IV Conferência, versando sôbre os diversos assuntos alí debatidos. Por que, indiscutivelmente, dispomos de gente e de elementos para uma tarefa dessa envergadura. Mas em havendo tempo. Essa foi a convicção com que voltei de Montividéo.

Nossa evolução, no campo da agronomia, excetuando os EE. UU. é bem maior, bem maior mesmo do que a das outras nações americanas, alí representadas.

Obedecendo a uma resolução da III Conferência, a delegação brasileira apresentou uma proposição, a respeito do registro genealógico de animais nascidos de inseminação artificial, graças à soma de realizações, que já temos, sôbre essa

grande técnica de multiplicação dos gados. Essa proposição foi unanimemente aprovada, com uma ligeira emenda da delegação dos EE. UU. Emenda essa referente a não se limitar aos médicos veterinários as responsabilidades, na garantia e exatidão do ato de inseminar, ampliando-a a “outros técnicos devidamente autorizados”. E’ que o movimento de inseminações, na América do Norte, já é tão grande, que não é possível ter-se um número suficiente de veterinários, para atestar a fidelidade delas, cada uma por sua vez.

O Brasil ainda interferiu noutra proposição, mas aqui compartilhando das responsabilidades com a Argentina e o Uruguai. Foi uma proposição tendo em vista as áreas contagiadas de aftosa, considerando-se não os limites políticos, dessas áreas, mas sim os geográficos. Países extensos como a Argentina e o Brasil, é possível chegar-se neles a limpar um têtço, a metade, quatro quintos de sua área, sem que se continui admitindo como “suja” tôda a extensão territorial política.

Por essas duas amostras é possível logo avaliar o que é uma Conferência Interamericana de Agricultura, sua importância, seu mérito como fator de entendimento, cooperação e progresso da produção da terra, nas Américas.

Não é bem uma reunião protocolar, onde delegações se avistem para um bate-papo. Tudo depende do critério dos respectivos govêrnos, no tomarem conhecimento das resoluções, vitoriosas sòmente depois de livre debate no qual uma certeza existe — é o que o assunto foi tratado com seriedade, com entusiasmo, com segurança e com enorme espirito de compreensão.

Escola Nacional de Agronomia

Janeiro, 1951